MERCADO DE MILHO

O PECUARISTA PRECISA FUGIR DO RISCO

RAFAEL RIBEIRO DE LIMA FILHO
Zootecnista e consultor da Scot Consultoria

Para o pecuarista que precisará de milho para o confinamento no segundo semestre, a recomendação é aguardar o início da colheita e a pressão de baixa em função da maior oferta.

A ELEVAÇÃO dos preços no mercado de milho surpreendeu no primeiro quadrimestre deste ano. Nem mesmo os estoques recorde de passagem do cereal, estimados pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) em 17,71 milhões de toneladas, foram suficientes para impedir a alta de preços do cereal. Este movimento era até previsto, mas não na intensidade verificada.

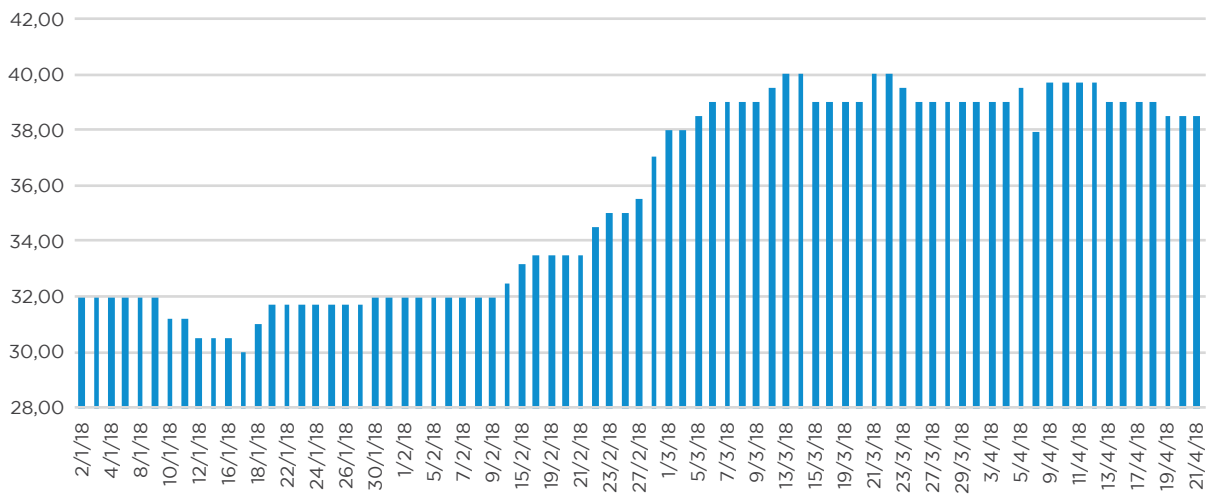
Quando se toma a região de Campinas, no estado de São Paulo, verifica-se que a subida foi expressiva, na ordem de 40,0%: de R$ 30,00 a saca, em janeiro, para R$ 42,00 a saca, em março. Essa reação veio com a previsão de uma menor produção na safra 2017/18. Em relação à temporada passada, a colheita deve sofrer atrasos e cair 9,4%. Existem, ainda, outros fatores, como a volatilidade do dólar, a quebra de produção na Argentina e a guerra comercial entre os Estados Unidos e a China.

Mas, o fator de maior impacto, considerando que há milho estocado no País, foi que o vendedor focou na comercialização da soja, que também teve forte alta de preços no período analisado, diminuindo, assim, a oferta do cereal no mercado brasileiro.

LIÇÕES APRENDIDAS

O pecuarista, principalmente o confinador, precisa monitorar o mercado de milho para se posicionar com relação às compras, dado o seu impacto

CAMPINAS-SP: PREÇOS DO MILHO GRÃO SEM O FRETE
(R$ POR SACA DE 60 QUILOS)



Fonte: Scot Consultoria



SHUTTERSTOCK

considerável nos custos de produção da atividade. Depois do boi gordo, que representa 70% dos custos operacionais, os alimentos concentrados representam o maior item de peso nos custos, com aproximadamente 25% do total.

Desta forma, montar uma estratégia de compras dos insumos é fundamental, principalmente pelas repercussões com as incertezas políticas deste período eleitoral, além, é claro, do risco da ocorrência de adversidades climáticas.

Do lado do consumidor, a estratégia seria antecipar o volume de compras para o começo do ano, de modo a fazer frente à demanda deste primeiro semestre. O plano passa por uma avaliação das questões relacionadas à armazenagem do produto até o consumo, como disponibilidade de armazém e custos de estocagem.

Outra opção teria sido o pecuarista "carregar" esse milho na Bolsa (B3). Em janeiro deste ano, os contratos com vencimento para março de 2018 eram negociados por volta de R$ 34,00, com valores fechados a R$ 44,00.

E PARA QUEM NÃO COMPROU?

Até o final deste primeiro semestre, as atenções seguirão voltadas para o clima e o desenvolvimento da segunda safra de milho no País. Podemos trabalhar em dois cenários:

- no primeiro, no Centro-Oeste (Mato Grosso e Goiás) e em parte da região Sudeste (Minas Gerais, principalmente), com chuvas regulares, a disponibilidade de água no solo deve ser suficiente para o bom desenvolvimento das lavouras de milho de inverno; e

- no segundo, no Paraná, em Mato Grosso do Sul e em São Paulo, com precipitações pluviométricas menores e uma menor disponibilidade de água, a produtividade no campo poderá ser afetada.

Com isso, a expectativa é de preços firmes para o milho no curto prazo, nesse chamado "mercado de clima". À medida que a colheita da segunda safra ganhar força no País, certamente haverá espaços para quedas nas cotações.

Para o pecuarista que precisará de milho para o confinamento no segundo semestre, a recomendação é aguardar o início da colheita e a pressão de baixa em função da maior oferta. É sempre bom lembrar a representatividade da segunda safra: em torno de 70% da produção total. Este volume deverá somar-se aos estoques remanescentes de passagem e de milho de verão, cujas colheitas estão concluídas. ■